ANNO 4.º — Sexta-feira, 16 Junho de de 1911 — NUMERO 174

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias) . . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brazil (anno) moeda forte . . . . . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR e editor — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

ANNUNCIOS

Por linha. . . . . 40 réis
Communicados . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A contra Revolução e o exercito

Tarde, formulando a *lei d'imitação*, como explicação da formação das sociedades e das suas transformações, rehabilitava o *individuo*, libertando-o das influencias decisivas do meio social e da fatalidade das leis biologicas, e proclamava implicitamente, ao mesmo tempo, a guerra ao espirito gregario, dissolvente e opposto a todas as energias caracteristicamente individuaes, proclamando logo, logo, como consequencia fatal, o *direito de Revolta*, unica fonte do aperfeiçoamento social.

Nietzsche, fazendo a observação profundamente verdadeira de que «*por vezes, um abalo violento, um rompimento energico com o passado é, tanto para os povos como para os individuos, uma condição de renovação de Vitalidade*,» legitimava o *direito de Revolução*, porque este diriva do direito natural á vida.

Tanto o direito de Revolta, como o direito de Revolução, teem sido combatidos, e espiritos superiores que ajoujam os progressos das sociedades, o aperfeiçoamento social, á fatalidade de leis determinativas, originarias da evolução social, encontram apoio forte no commodismo dos indifferentes, nas hesitações dos timoratos e nos interesses egoistas de certos individuos e de certas classes.

A rebeldia, porém, do espirito do homem libertado—essa força do homem que pela vontade o prende ás grandes luctas, que pela consciencia o dirige aos grandes Ideaes, e que pelo sentimento o liga ás bellezas da arte—apregoou sempre o direito de Revolta e, ainda que perseguido pelo espirito dos *escravos*—como lhes chamou Nietzsche—soube conquistar, atravez de todos os soffrimentos, de todas as perseguições, de todas as infamias, o direito de liberdade de consciencia e o direito de liberdade de Pensamento,—o direito de livre critica.

O instincto de conservação, immanente a todas as sociedades, e a todos os povos, que produz o amor á classe e o amor á Patria, proclamou sempre o direito de Revolução e, com a força irresistivel de todo o direito natural, soube impôr sempre a Revolução como um direito, quando ella tinha por fim a sua conservação.

Não procuraremos—não o permitte o apertado d'um artigo—o explicar como a Revolta do individuo vae aggregando a si a revolta de outros individuos, de forma a preparar a massa revolucionaria, que se imporá pacificamente ou pela força, conforme o grau de opposição, ou de inercia, que os interesses de individuos ou o espirito gregario lhe opponham.

Não procuraremos tambem mostrar por que factores psychologicos só a lucta que tem um fim de aperfeiçoamento social sae victoriosa e limitar-nos-hemos a dizer com Tarde: «*nada se pode repetir em ordem inversa na mesma serie. Uma dada evolução social é irreversivel.*»

E com Tarde tirarei a conclusão que a Historia nos demonstra de que se essa lei deixa de funccionar, a sociedade definha ou morre.

E é por isso e porque tenho fé absoluta na vitalidade da raça portugueza, na arreigada vontade de querer viver do povo portuguez, que eu olho com supremo desdem, no actual momento historico, toda a tentativa de restauração monarchica em Portugal.

Pois o que significaria essa restauração?

Seria a derogação da *lei de separação da Egreja do Estado*, isto é, seria a perda de uma das conquistas da liberdade de consciencia; seria, de novo, o ajoujamento do individuo a uma Religião e, o que é peior, o acorrentamento a uma casta.

Seria a derogação das *leis da familia*; isto é, seria a restauração legal e portanto coerciva de uma mentira convencional.

Seria a derogação da *lei do divorcio*; isto é, seria o acorrentamento do individuo ao crime consummado, o de uma familia á tara de doença heriditaria, da vontade dos dois conjuges ao pelourinho do veto da lei.

Seria a derogação da *lei do recrutamento militar*; isto é, o enfraquecimento moral e material do organismo da defeza nacional.

Seria o retrogradar ao *poder centralisador do rei e da sua cohorte*; isto é, seria o enfraquecimento, o quasi annullamento da soberania popular.

Seria o *desviar dos dinheiros publicos de suas applicações, junto aos interesses da collectividade para applicações de interesses individuaes*.

Seria voltar a *incuria pela instrucção e educação civica do povo*; isto é, o acorrentamento do povo á miseria, á superstição, á ignorancia, o que o mesmo é que dizer, que seria o acorrentamento d'esta Patria áquelle epitheto do ex-ministro inglez de nação moribunda.

Seria a annullação de esplendida obra de Revolução do governo Provisorio, que sendo um rompimento energico com o passado, é uma condição de renovação da Vitalidade de Portugal.

Seria, em summa, o retrocesso que a lei de *irreversibilidade* de Tarde não admitte sem a pena de morte, e que a grande massa dos portuguezes não quer; porque uma parte tem a consciencia nitida e a outra parte sente, por instincto, que aquella pena cahiria fatalmente sobre esta Patria.

Quem tem acompanhado a vida politica d'este paiz, n'estes ultimos tempos, quem tem sentido palpitar junto da sua a alma do povo portuguez, quem tem procurado aprehender as suas aspirações, tem tirado fatalmente esta conclusão: *com a Republica estão todas as forças moraes de Portugal; está toda a nação.*

* * *

E como sempre existiu a dentro do exercito a consciencia arreigada de que este pertence exclusivamente á nação, com a Republica está o exercito portuguez.

Póde, á vontade, Paiva Couceiro fazer chover sobre os officiaes portuguezes os seus manifestos, que o seu espirito, por atavismo medieval, não encontrará meia duzia de sequazes.

O official portuguez vive para a sua patria, no seu culto fervoroso, elle dedica-se, a dentro do quartel, á instrucção e á educação militar e civica do soldado, é sabe para fóra d'elle para se lançar enthusiasticamente á obra de educação nacional, que sendo uma obra de resurgimento é tambem uma obra de defeza da Patria.

E' percorrer os jornaes de todos os dias e é vêr como em conferencias, em comicios, por todos os meios de propaganda, o official portuguez se integra na obra governativa da Republica, procurando despertar o povo para a vida politica do paiz, procurando transformar-lhe a alma instinctivamente republicana em conscientemente, voluntariamente republicana.

O official portuguez admira a folha de serviços por Paiva Couceiro prestados á Patria com coragem e energia em luctas sertanejas; mas não lhe inveja estas qualidades, porque, na hora de lucta, o official portuguez sube sempre encontrar, no seu patriotismo, incentivo á energia que o cumprimento do seu dever de soldado portuguez lhe impõe e outros, tão bem como Paiva Couceiro, têm sabido perlustrar o nome portuguez.

Mais affeito ao exercicio da modestia, o official portuguez não procura emitar o espirito aventureiro de Paiva Couceiro e mais acostumado a analysar a corrente dos factos elle sabe bem a que attribuir as causas da decadencia d'esta Patria e por isso não se acocora em extasis admirativos deante do poder dos reis.

Pode Paiva Couceiro descrever á vontade a trajectoria que o seu espirito lhe demarcou, que ás forças: audacia e prestigio pelo seu passado de soldado de Africa e que podiam porventura produzir uma approximação entre elle e o official portuguez, oppõem-se outras forças maiores, porque proveem da Razão que tudo analysa e do sentimento patrio que a todo o official portuguez anima.

Entre Paiva Couceiro e os officiaes portuguezes ha hoje um abysmo.

Aquelle acocorou-se perante o explendor das lentejoulas dos mantos reaes. Os officiaes portuguezes juntaram-se, de alma e coração, á volta da nova Bandeira da Patria para a fazer gloriosa, para impedir que alguem suje com o habito pestifero dos traidores o querido symbolo d'uma Patria Nova.

Gaspar Ferreira
Alferes de infantaria.

Republica Portugueza

E' na proxima segunda-feira, 19 de Junho, que reune, pela primeira vez, a Constituinte, na qual deverão comparecer, entre os seus duzentos e tantos deputados, 50 advogados, 40 medicos, 30 militares do exercito, 25 da marinha, 8 lavradores, 8 empregados publicos, 8 commerciantes, 6 capitalistas, 5 jornalistas, 3 sacerdotes, 3 solicitadores, 3 pharmaceuticos, 3 estudantes, 2 industriaes, 2 empregados no commercio, 2 guarda-livros, 1 operario e 1 barbeiro.

Todas as forças vivas da nação estão, como se vê, representadas, restando apenas que cada deputado, de por si, faça por bem servir a Republica, gloriosamente implantada em 5 de Outubro de 1910 pela força das armas e por toda a parte proclamada como uma imperiosa necessidade em Portugal.

O *Democrata* saudando a Constituinte, consubstancia n'um grito todo o seu entranhado amor a esta patria, que deseja vêr prospera, florescente e feliz.

Viva a Republica!

«A Beira»

Interrompeu definitivamente a sua publicação este collega que, ha 4 annos, se publicava em Vizeu, dirigido pelo nosso valoroso correligionario José Perdigão, eleito deputado ás Constituintes.

Sentimos, porque era um jornal bem feito onde collaboravam jornalistas distinctos e sabedores do *métier*.

Para Lisboa

Seguiram, ante-hontem de tarde, para a capital os deputados, dr. Marques da Costa e Alberto Souto, comparecendo, á despedida, crescido numero d'amigos e correligionarios, entre os quaes o sr. governador civil do districto, alguns officiaes e muitos sargentos de infanteria 24.

«O Povo»

Um anno mais conta este nosso presado collega de Vianna do Castello com quem, desde sempre, temos mantido estreitas relações de cordealidade e que é um dos melhores jornaes de provincia.

Cumprimentamol-o effectuosamente.

NO QUARTEL DO 24

Homenagem merecida

Poucas vezes temos assistido a festas que tanto nos impressionassem e commovessem, como aquella para que fomos convidados no domingo ultimo por uma commissão de sargentos do exercito composta dos srs. Antonio Pedro de Carvalho, Alfredo D. Peres e A. Soares. Com effeito, a festa que no quartel de infanteria 24 teve logar, promovida pelos officiaes inferiores do regimento, para inauguração do retrato do seu digno commandante, o coronel Alexandre Sarsfield, quasi que se não descreve porque não ha palavras que possam traduzir o cunho de sinceridade que revestiu essa justa e merecida homenagem ao cidadão e ao militar, que por todas as fórmas se tem sabido impôr ao respeito e consideração de todos os seus camaradas, já pela sua illustração, pelo seu valor, já pela bondade, pelo caracter e pela nobreza de sentimentos que o caracterisam e que fazem d'elle um dos commandantes mais amados do exercito portuguez.

ALEXANDRE JOSÉ SARSFIELD
(Hoje coronel de infanteria 24)

O coronel Sarsfiel, dizemol-o com intimo desvanecimento, é d'aquelles homens que enchem de orgulho uma Patria pelo seu incommensuravel amor á farda, pelo seu prestigio, pelo seu talento e sobre tudo pela larga folha de serviços prestados em holocausto da nação, quer distinguindo-se no campo da batalha, quer collaborando na grande obra da perfectibilidade humana á qual tem dado o concurso da sua intelligencia, da sua illustração, do seu muito saber, o que lhe tem grangeado as fundas sympathias de que gosa, fóra e dentro do quartel, como no domingo ficou bem demonstrado na sessão solemne, em honra de s. ex.ª realisada, e que passamos a descrever.

* * *

Pouco depois do meio dia e tendo dado ingresso na casa da escola do quartel o sr. coronel Sarsfield, onde já se encontravam o sr. governador civil do districto, representantes das varias associações locaes, toda a officialidade de infanteria e do esquadrão de cavallaria, muitas senhoras, representantes da imprensa, etc., acerca-se do estrado da presidencia o 1.º sargento ajudante

José Mathans

que, dirigindo-se á assembeia, diz:

Ex.mas Sr.as e Ex.mos Srs.

Todos os predicados me faltam para n'este acto tão solemne que se vae realisar e perante tão illustres convivas, poder exprimir-me d'uma fórma clara e correcta como o desejava fazer. No entanto desde já peço a V.s Ex.as me seja relevada qualquer irregularidade ou falta que involuntariamente possa commetter nas minhas humildes mas sinceras palavras que em seguida vou pronunciar:

Meus senhores.—Um dos mais sagrados deveres me impõe n'este momento, n'esta humilde mas sympathica festa, na qualidade de chefe da corporação dos sargentos do regimento d'infanteria n.º 24 a que tenho a honra de pertencer, regimento este que eu muito amo, estimo e prezo, por ser elle que me serviu de berço na carreira das armas que encetei, para em nome da mesma corporação manifestar e patentear a S. Ex.ª, o digno commandante d'este regimento, a quem esta respeitosa homenagem é dedicada, a alta estima, veneração, affecto e respeito que a mesma corporação dedica a S. Ex.ª

Não é, pois, um favor, meus srs., nem demasiada a prova de reconhecimento que a corporação dos sargentos vae tributar a S. Ex.ª

Não é. E' um dever, que actualmente, nos tempos modernos, a civilisação obriga e impõe o manifestar a todos aquelles, que como nós, teem a felicidade de possuir um chefe que é dotado dos mais elevados sentimentos de amor, quer como cidadão, quer como extremoso chefe de familia, quer como militar brioso e disciplinador, e ainda porque S. Ex.ª foi sempre uma grande alavanca cujo ponto de apoio existe no seu coração, para pugnar, defender e considerar a classe dos sargentos, a qual no destruido regimen monarchico e muito especialmente depois da mallograda revolta de 31 de janeiro de 1891, foi sempre amesquinhada, espezinhada, desconsiderada e lesada nos seus direitos e interesses e até quasi que anniquillada. Mas, felizmente, ainda havia mesmo n'essa epocha armamentos e apoios d'esta natureza que um tanto ou quanto muito contribuiram para manter na classe dos sargentos um equilibrio estavel.

Por todos os factos que deixo expostos e attendendo ás nobres e excellentes qualidades de que S. Ex.ª é dotado e revestido, a corporação dos sargentos d'este regimento resolveu, com o devido assentimento, escolher o dia d'hoje para inaugurar o retrato do seu illustre commandante, o qual depois de terminado este acto será collocado provisoriamente no refeitorio dos sargentos, emquanto n'este regimento não fôr inaugurada uma sala para sargentos, como S. Ex.ª tem o desejo e interesse de nos crear.

Outros illustres oradores me succederão que, com mais brilho, com mais explendor, com mais excellente dom de palavra, melhor do que eu ponham em relevo as nobres qualidades e dotes de S. Ex.ª

Termino, pois, o meu humilde discurso por agradecer a V.s Ex.as a digna comparencia com que muito abrilhantais este acto, nos honra e enaltece e convido S. Ex.ª, o illustre governador civil, muito digno representante do Governo Provisorio da Republica no districto de Aveiro, para assumir a presidencia d'este solemne acto.

As palavras do sr. Mathans são coroadas com uma salva de palmas, que se repete com mais intensidade ao assumir a presidencia o sr. dr. Rodrigo Rodrigues que, de pé, produz desde logo um eloquentissimo discurso em que põe em destaque as altas qualidades do homenageado descerrando então o retrato que ao lado se encontrava coberto com uma rica bandeira de seda verde e encarnada, o que produz novas e prolongadas manifestações da assembleia, agora dirigidas ao illustre commandante do 24, sr. coronel Sarsfield, cuja commoção se torna visivel aos olhos de todos. A banda regimental, postada ao fundo da sala, executa a *Portugueza* sendo ainda por entre as ovações dos assistentes e depois de terem tomado os logares de secretarios da presidencia, os srs. tenente coronel Saldanha e tenente Mario Gamellas, que pelo sr. governador civil, é dada a palavra ao primeiro orador inscripto, sr.

Antonio P. de Carvalho

1.º sargento do 24, que profere o seguinte discurso:

Minhas Senhoras
Meus Senhores

Na minha qualidade de presidente da commissão eleita pela corporação dos sargentos do regimento de infanteria n.º 24 para manifestar por um acto publico e solemne o altissimo respeito e a justa gratidão que tão profundamente nutre pelo seu estremecido e venerado commandante, cumpre-me falar em primeiro logar e dizer o que toda a corporação a que muito me honro de pertencer, sente e pensa da festa a que vos dignasteis assistir, accorrendo ao nosso humilde convite.

Sou pequeno de mais, senhores, os meus recursos litterarios são acanhadissimos, e a minha palavra jámais transitou pelos pruridos arrebatadores d'um discurso eloquente, como tanto era preciso, para ella se poder elevar á altura da festa que quer solemnisar e da

personalidade, por tantos titulos illustre, que pretende consagrar.

E para vos falar das altas qualidades militares do nosso illustre commandante, do seu valor, heroismo e serviços á Patria, seria preciso descrever-vos o que foi essa, de facto inarravel, epopeia do exercito portuguez, que tanto deslumbrou o mundo inteiro, tão justamente arrebatou em delirios de patriotismo e do mais accendrado civismo toda a raça portugueza, e que tanto enobreceu o nosso exercito que, praticando-a, mais uma vez affirmou ao mundo inteiro de quanto é capaz para servir a sua Patria; refiro-me á memoravel campanha dos Namarraes, a toda a nobilissima acção do exercito portuguez em Africa, grandiloqua, inegualavel, em que tomou parte brilhante o illustre militar Alexandre José Sarsfield, hoje commandante d'este regimento.

Deveria dizer o que são e o que representam todas aquellas honrosissimas condecorações que tão justamente lhe constellam o peito e affirmou a sua inconfundivel individualidade.

Teria de dizer-vos tudo quanto archivos militares e parlamentares guardam da sua altissima capacidade, dos seus profundissimos estudos e da sua palavra eloquente e erudita.

Mas faltam-me os recursos, senhores, por isso, cumpre-me tão sómente, affirmar-vos que a corporação dos sargentos d'infanteria n.º 24, inaugurando o retrato do seu commandante e convidando para assistir a esse acto solemne, os representantes do Governo Provisorio da Republica Portugueza e de todas as classes d'esta linda terra, incluindo a imprensa, a augusta imprensa, na impossibilidade de abrigar a dentro d'estas paredes o paiz inteiro, está profundamente identificada com o illustre commandante, não só por essa disciplina que torna grandes e invenciveis os mais pequenos exercitos, mas tambem pelo alto apreço em que tem todas as suas incomparaveis qualidades de chefe pelas quaes se faz obedecer, atrahindo, prendendo a si o subordinado, mais que pela consciencia dos seus deveres, pelo coração, pela veneração que todos lhe consagram, por aquillo que todos nós hoje pretendemos affirmar com esta festa: a gratidão incommensuravelmente justa, que nós tributamos ao nosso estremecido e venerado commandante.

Tenho dito.

A assembleia dispensa ao sargento Carvalho os applausos a que tem jus, depois do que segue o seu collega

Accacio Lopes

n'estes termos:

Minhas Senhoras
Meus Senhores

E' hoje um dia em que os sargentos d'este regimento, em que uma fracção d'essa grande corporação do Exercito de que eu sou o mais infimo factor, deseja demonstrar não só a Sua Ex.ª o Commandante, não só aos Ex.^{mos} officiaes, mas ainda á sociedade, que nos nossos peitos habitam corações que sentem, que soffrem com resignação, quando nos opprimem com vilanias, ou quando nos desprezam; e que transbordam de alegria quando nos veem com um olhar amigo, com uma certa deferencia e quando é dispensado um certo interesse ao nosso futuro, á nossa instrucção e ao nosso bem estar.

Meu Ex.^{mo} Commandante!

O presente acto, é um dever que os sargentos d'infanteria 24 cumprem; um dever, digo bem, porque assim como um filho deve possuir uma photographia de seu pae, nós, que a V. Ex.ª temos como pae, como protector e como amigo, devemos tambem possuir uma, para que se um dia tivermos a infelicidade de V. Ex.ª nos deixar, termos alli uma recordação do nosso querido Commandante, d'aquelle a quem os sargentos do Exercito devem a maior parte das regalias concedidas e prestes a conceder; d'aquelle que tem empregado todos os seus esforços para que a classe dos sargentos se eleve e occupe na sociedade um logar de destaque, quer como cidadãos quer como militares.

O coração de cada sargento, o coração de cada soldado, é um altar aonde V. Ex.ª é venerado; creia meu Ex.^{mo} Commandante, que se o nosso regimento um dia tiver de ir defender a Patria dos seus inimigos internos ou externos, nós não só o seguiremos como no cumprimento de um dever, mas sim caminharemos com a maior satisfação, melhor boa vontade a affrontar o perigo e a offerecer o peito ás balas do inimigo, por ao nosso lado se encontrar V. Ex.ª a quem tributamos o maior respeito e a maior consideração.

Estas palavras meu Ex.^{mo} Commandante, não são vãs, são sahidas do fundo d'alma; estas palavras, não são só minhas, são sim as que tenho a certeza lhe proferirá com sinceridade todo aquelle que enverga uma farda e tem a honra de servir sob o commando de V. Ex.ª.

A corporação dos sargentos d'este regimento, não podia, pois, deixar de cumprir este dever, fazendo votos para que V. Ex.ª d'aqui não seja deslocado, o que para nós seria uma grande perda.

Temos a firme convicção de que V. Ex.ª continuará a dispensar á classe dos sargentos a estima que sempre lhes dispensou e continuará a advogar a causa d'aquelles que nunca poderão olvidar o nome do seu querido Commandante.

A gratidão que a V. Ex.ª devemos, não a posso demonstrar, porque não encontraria no meu acanhado cerebro palavras com que a podesse exprimir; havemos, porém, demonstral-a por acções; creia V. Ex.ª que a nossa corporação está disposta a tudo fazer incluindo o sacrificio se tanto fôr necessario, para demonstrar o quanto lhe é grata; para demonstrar a todo o exercito, que neste regimento, a disciplina não é mantida a fio d'espada nem pela violencia, mas sim pelas boas palavras do seu commandante, que nos prendem pelos seus conselhos, que nos penetram no coração, e a quem laços d'uma respeitosa amisade e d'uma profunda veneração nos compelem a obedecer e a seguir cegamente.

E' tambem muito applaudido.

Alberto de Farias

1.º sargento, diz:

Meus Senhores

Sinto-me fraco, amesquinhado, e até possuido d'esse peccado, que se chama inveja, por não poder, em palavras bem buriladas, patentear a S. Ex.ª o commandante d'infanteria n.º 24, onde encetei a minha carreira menor em 1 de Janeiro de 1896, o quanto os sargentos d'este regimento lhe são gratos, pela maneira affavel, e até (deixem-me dizer-lhes), paternal, com que o mesmo Ex.^{mo} Sr. tem cuidado no bem estar da classe a que me honro de pertencer, mostrando-lhe com a sua eloquente palavra, e o seu inegualavel exemplo, o caminho, espinhoso sim, mas honrado e honesto, que todo o militar tem por dever trilhar.

Quem de perto não conheça S. Ex.ª, mas analyse a photographia que presente tendes, não lhe será muito difficil descortinar em cada um dos detalhes da sua physionomia, a expessão da sinceridade, altivez e inteligencia!

Com estes predicados, tem S. Ex.ª attrahido tanto a si a amisade d'esta humilde classe, que tenho a certeza absoluta de que a um simples gesto d'esse altivo caracter patriotico, não haveria um só, que pozesse em duvida acompanhál-o até para os confins do mundo; pois sendo S. Ex.ª um dos elementos da integridade da nossa querida Patria, hade saber defendel-a até á ultima gotta do seu sangue!

Muito grato me foi colher elementos para poder affirmar o que acabo de dizer, quando n'uma reunião de sargentos, em que se nos afigurava a Patria correr perigo, ouvi a opinião dos meus camaradas, que sinceramente me declararam: Com o nosso commandante á frente do regimento, e em defeza da Patria, para toda a parte!

Acceite pois S. Ex.ª a expressão sincera da nossa gratidão e creia-nos sempre um pequeno baluarte, que apoiado na vontade firme e patriotica do seu illustre commandante, hade saber conservar o nome glorioso do seu regimento, em defesa da Patria e da Republica.

Como os seus collegas, o sr. Farias recebe, ao terminar o seu discurso, uma prolongada salva de palmas, que só termina quando é concedida a palavra ao sr.

Tenente Camossa

que dirigindo-se para junto do estrado presidencial, declama:

Honrosamente destinguido com o convite que me foi feito para tomar parte n'esta festa, fallando aqui, na impossibilidade de o declinar, baldadas as reiteradas instancias que n'esse sentido fiz, não porque não me sentisse bem associando-me a esta manifestação, prestando a minha homenagem juntamente com a prestimosa classe dos sargentos, mas sim, e unicamente, por reconhecer a minha nenhuma competencia para poder satisfazer ao que de mim era exigido, faço-o no entanto, sem atavios de linguagem, sem palavra fluente, esperando que a singeleza e sinceridade substituam, com vantagem para mim, o burilado da phrase, a elegancia dos conceitos.

Por natureza affectivo, sentimental, impressionam-me estas manifestações, sobretudo quando, como esta, são a expressão mais sincera, mais verdadeira, do sentir, do pensar d'uma collectividade; impressionam-me, commovem-me mesmo estas manifestações sobretudo quando, como esta, representam a mais alta expressão da justiça. E é justiça o que aqui hoje se faz!

A classe dos sargentos presta a sua homenagem, patenteia o seu reconhecimento a V. Ex.ª que, bem compenetrado do caracter do mando, essa qualidade altamente apreciavel, lhe tem dispensado todas as attenções, ao mesmo tempo que pugna a todo o transe, com vida, com alma, com enthusiasmo, pelo engrandecimento d'este regimento!

Ibanez Marin no seu tratado sobre a Educação Militar, assim diz: *O commando decahe, perde a sua influencia desde o momento em que abandona o cuidado pelos seus subordinados e se limita a exercer as suas funcções de mando.* E' uma verdade; assim o diz o illustre tratadista, assim o entende V. Ex.ª que dispensa toda a attenção aos seus subordinados que lhe sabem retribuir com dedicação.

Contentamento intimo, regosijo infindo, orgulho mesmo deve sentir todo o commandante que, como V. Ex.ª, saiba ter nos seus subordinados fieis servidores, levados, não pela ferrea e dura disciplina, mas sim pela força, pela sugestão, pelo ascendente moral que sobre nós exercem o caracter, as virtudes, o exemplo.

Orgulho deve sentir, e com razão, todo o commandante que, como V. Ex.ª, saiba encontrar nos seus subordinados verdadeiras dedicações, creadas, impostas, não pelo alto cargo que occupa, mas pelos sãos principios professados, pela attitude tomada nos momentos em que a Patria e a Republica reclamam o valor, a dedicação dos seus filhos, por ser o exemplo frisante da consciencia do dever cumprido! Assim se coroa anda!

Bem haja, pois, V. Ex.ª pelas attenções, pelos beneficios que tem prestado a essa classe de sargentos, que bem o merece.

E eu, como todo o official portuguez, devo sentir-se honrado com o facto de ver no degrau inferior da sua hierarchia militar, hoje n'este regimen despido de preconceitos, previlegios e castas, uma classe que se impõe ao respeito de todos pelo seu trabalho, cultura e illustração

O sargento hoje está intimamente ligado ao official; instructores communs de successivas gerações, de toda a juventude portugueza que, ámanhã n'uma egualdade e fraternidade bemdictas, se sentirá orgulhosa por ver que em si se firma, se appoia a integridade, o engrandecimento da Patria; leaes auxiliares do official; combatentes egualmente promptos, como nós outros, a sacrificar-se pela Patria e pela Republica; os sargentos bem merecedores são das vossas attenções.

Meu commandante: justiça fizeram os sargentos aos vossos meritos; justiça haveis vós feito até hoje á classe dos sargentos!...

As ultimas palavras do orador produzem extraordinaria sensação. As ovações repetem-se cada vez mais intensas e é no meio d'ellas que começa a fallar o sr.

Major Peres

Diz—que convidado pela corporação dos sargentos do regimento, corporação muito distincta e a todos os titulos merecedora da melhor consideração, para tomar parte na sua festa, uma festa que julgava se realisaria em familia, muito intima, mas que via tomára a feição d'um verdadeiro acto civico, como muito bem lhe chamára o illustre representante do governo provisorio da Republica, o sr. dr. Rodrigo Rodrigues, ali estava no cumprimento d'esse grato dever. Sim, porque ha deveres de deveres. Cumprem-se uns porque o são, porque são deveres; contrahem-se outros com empenho e até com desvanecimento. Succede, porém, muitas vezes que este mesmo desvanecimento nos atraiçôa. Falava por si. Mas, por ventura o que as suas palavras não disse. seu, o que o coração sentisse, mas não soubesse exprimir, supril-o-hia, não pelo que intrinsecamente valia, mas pelo que representava o proprio acto em si.

Movidos por um bello impulso de reconhecimento, de justa e respeitosa admiração, resolveram os sargentos d'este regimento prestar ao seu commandante, esse formoso caracter que é o sr. coronel Sarsfield, uma homenagem, modesta embora, mas da mais bella, da mais elevada significação para quem, como s. ex.ª, tão carinhosamente cultiva, a dentro d'uma grande alma exuberante de energias bem masculas, de homem e de soldado que já fez o seu baptismo de fogo, as mimosas e sensitivas florsitas d'um coração de avôsinho.

Alma e coração!... Como se misturam e definem!...

Quem sabe lá como isso é!... Nem elle. Elle muito menos.

Alma ardente de vulcão em actividade,—frescas rosas de vividentes ramagens, rompendo expontaneas d'entre as fendas da lava ainda fumegante.

Este é o seu retrato moral.

Meus senhores: eu pertenço a este regimento desde pouco depois da sua reorganisação em Penamacôr, ahi por fins de 1885, e n'elle tenho servido, e com elle tenho andado sempre, sem uma solução de continuidade, sem uma ausencia unica. Em tantos annos decorridos, mais d'um quarto de seculo, não admira que em mim se tenha arreigado e até bracejado em ramos fortes, isto, esta coisa, este sentimento que melhor se comprehende do que se explica, e pelo qual as pessoas e coisas d'hoje se baralham e confundem com as pessoas e coisas d'hontem como se umas e outras as mesmas fossem. Não repugnará, pois, admittir que tudo quanto ao meu regimento interessa, a mim me interesse.

Não vem para aqui, e talvez devesse vir, mas não a trago para aqui a historia do regimento desde a sua reorganisação, e muito menos a do primitivo 24, cujos fastos, aliás, nós, mais por d'uma vez, temos commemorado; o que eu desejo fazer accentuar, e isso faço, é que se elle tem tido, a par de situações menos felizes, outras de verdadeiro engrandecimento, porque as tem tido, ainda nenhuma o foi de tanto, de tamanho brilho como a que actualmente, felizmente, vem atravessando. Mas o facto tem explicação facil. Todo o organismo social é fundamentalmente aquelle que o dirige, que lhe dá o impulso regulador, e consequentemente o regimento é fundamentalmente aquelle que o commanda.

Comprehende-se, pois, o bello gesto da corporação dos nossos sargentos, corporação unida e que, pelo seu saber e pelo seu proceder, se honra e nos honra, honrando o seu regimento, com a qual aqui vim e com a qual d'alma estou, não para fallar por ella, mas para estar com ella, acompanhando-a na sua festa tão sympathica.

Commandante: —nem a reconhecida modestia de V. Ex.ª m'o consentiria, nem eu o saberia fazer com a devida elevação, nem eu aqui viria dizer coisa que se não saiba, e não esteja dita, recordando a tão brilhante folha de serviços de V. Ex.ª, quer dirigindo e amando, na paz, quer commandando e vencendo na guerra. Quando ainda ha bem pouco, em acto bem publico e solemne eu disse que não duvidaria seguil-o de olhos vendados, porque sabia que seguiria o caminho direito do dever e o mais curto para a victoria, disse tudo.

Meus senhores:—sugestionado pelo exemplo porque tambem com elle estou, do illustre representante do governo da Republica Portugueza, que tanta elevação veio dar a esta festa, peço-lhes me acompanhem na saudação d'um viva ao meu coronel.

Commandante: em nome dos nossos sargentos, no meu e no de todos que me acompanharem, eu saudo V. Ex.ª, em quem, n'um conjuncto feliz de qualidades e virtudes que oxalá fossem o apanagio de todos, pela sua muita intelligencia e illustração, saber e tacto profissional, rasgado espirito liberal e nobreza de coração, eu, todos nós, somos forçados a reconhecer—o chefe, o mestre e o amigo!

Viva o coronel Sarsfield! Viva a Republica!

N'um côro unisono, a assembleia acompanha os vivas levantados pelo sr. major Peres, a quem applaude com frenesi, sendo depois de restabelecido o silencio, indicado, para fallar, o nome do tenente-ajudante, sr.

Lopes Matheus

nosso presado amigo, que falla assim:

N'este momento, talvez poucos como eu, estejam tão sensibilisados, perante esta manifestação, do mais acrisolado respeito para com o chefe estremecido. E' que esta sympathica festa, vem comprovar plenamente, as elogiosas referencias que eu fiz da briosa corporação dos sargentos d'este regimento, quando pela primeira vez a apresentei ao nosso commandante.

Eram palavras de absoluta justiça, inspiradas na convicção profunda que tinha e tenho hoje ainda, de que não será facil encontrar corporação em que palpite com mais intensidade, os sentimentos nobres d'uma dedicação sem limites, que comprehenda tão alto, a gratidão e o respeito para com os superiores, o amôr e a justiça para com os inferiores, reunindo em si todos os predicados que constituem a verdadeira subordinação, sem a qual todo o organismo militar será uma utopia.

E se não bastasse para justificar as minhas palavras, a correcção do seu procedimento—nos ultimos tempos,—onde ninguem descortinou a mais leve mancha a pôr em duvida a lealdade de tão briosa corporação, seria bastante a manifestação de hoje, que no momento historico que estamos atravessando, tem a maior significação.—Quando essas aves agoirentas do jesuitismo pretendem introduzir-se nos quarteis para aliciar adeptos, quando esses figadaes inimigos da Patria procuram na força armada, um apoio seguro para as suas conspirações criminosas, quando esses degenerados só anceiam por uma intervenção estrangeira que ponha em risco a integridade nacional,—que bello exemplo de amôr patrio nós estamos presenceando n'esta festa, onde d'uma forma indiscutivel—uma corporação inteira dá provas da mais completa lealdade ao chefe, que tão bem tem sabido consubstanciar os sentimentos de dedicação e respeito pelas novas instituições, o que enche de legitimo orgulho o nosso coração de soldados, o nosso coração de patriotas!

De quanto é merecida esta homenagem, ninguem talvez, como eu, o possa testemunhar. De todos os coroneis que teem commandado este regimento, Alexandre Sarsfield é dos poucos que jámais deverá ser esquecido e cujo nome representará no nosso coração alguma coisa de superior e respeitavel. Espirito culto e progressivo, sem odios nem preconceitos, nunca no seu gabinete de commandante elle se deixou arrastar por uma vingança ou por um desejo de fazer mal, e antes é prodigo na distribuição de beneficios pelos seus subordinados que elle considera como familia estremecida. Quantas vezes elle tem feito intervir o seu coração generoso e bom, em assumptos de serviço onde talvez só devesse ter logar a rigidez e austeridade dos nossos regulamentos militares!

Nunca manifestou preferencias por este ou por aquelle dos seus subordinados, de maneira que tratando a todos da mesma fórma, de todos é egualmente respeitado, podendo affirmar que encontra em cada um de nós um amigo leal e prompto a seguil-o para toda a parte.

Foi politico, é verdade, mas que eu saiba, nunca fez da politica um meio de adquirir interesses, e se alguma vez d'ella se serviu, foi para pôr ao serviço do seu paiz e da sua arma, que é a nossa querida arma, as suas aptidões profissionaes e a sua alta competencia de official distincto e considerado.

Sargentos do meu regimento: —A homenagem que hoje promoveis, enaltecende-vos aos olhos de todos, como cidadãos e como soldados, é a mais justa consagração que podieis ter tributado áquelle que, nunca despresando os seus deveres de chefe generoso e bom, jámais esqueceu os seus deveres de patriota.

As ultimas palavras do sr. tenente Matheus quasi se não ouvem tal o enthusiasmo com que as proferiu e a maneira como a numerosa assistencia as sublinhou. Eccoavam no espaço, ainda, os applausos, quando o sr. governador civil concede, por ultimo, a palavra ao sr.

Coronel Sarsfield

que, extremamente commovido, até ás lagrimas, pelos extraordinarias provas de solidariedade e dedicação que lhe estavam sendo dadas n'aquelle momento, diz, nunca na sua já longa carreira militar se sentir tão perturbado, como n'aquelle instante.

E que fizera elle para merecer tanto?... Por que procurára sempre commandar mais pelo coração que pelos regulamentos?... Mas isso não bastava porque desde sempre se acostumara a considerar como sua familia a familia militar.

A moderna legislação criminal não o surprehendeu; tinha-a no coração de ha muito. Sempre comprehendeu que commandar é educar; e, para educar, os processos não vão buscar-se á rigidez inflexivel da lei. Que deviam ser tomadas como exageradas e como suspeitas affirmações tão desvanecedoras, porque eram affirmações d'amigos, como que de pessoas de familia. Não as merecia. Que lhe mereciam plena confiança; que sabia que com elles podia contar ainda no passo mais difficil, com os seus officiaes e sargentos, d'isso nenhuma duvida podia ter, e com isso se orgulhava.

Dos ultimos, quando assumira o commando do corpo, o ajudante o informára de que essa corporação nunca poderia ser excedida em lealdade e dedicação para com os seus superiores e que ella estaria prompta a cooperar com todo o amor na difficil acção do commando.

E a verdade era que iam já passados bastantes mezes e nem o mais insignificante facto deixou de confirmal-o. Que com taes elementos o commando se torna facil.

E elle sentia-se bem entre os seus officiaes e sargentos e entre todos até ao mais moderno soldado do seu querido regimento.

Que se sentia feliz por poder afirmal-o, e por mais uma vez o poder garantir a sua ex.ª o sr. governador civil, na solemnidade d'aquelle acto, com o testemunho de todos—de que o 24 está d'alma e coração com a Republica, prompto a todos os sacrificios pela causa da Patria.

— Lembro-me, continúa sua ex.ª, que n'um dado momento, quando era preciso a todo o transe tomar o reducto de Panlong no memoravel cerco de Porto Arthur, um coronel do exercito japonez reunia o seu regimento, ahi pela calada da noite, e dizia-lhe: chegou a occasião de prestarmos á nossa patria um grande serviço; devemos atacar o coração de Porto Arthur, mas ficae sabendo, soldados, que nós todos ficaremos lá, somos homens da morte certa.

Estas simples e singelas palavras enthusiasmaram o regimento que deu o assalto, perto da 1 hora da madrugada, ficando lá, junto das peças inimigas todos aquelles heroes, todos aquelles bravos.

Confesso que quando acabei de ler isto senti uma grande inveja por aquelle coronel que assim tinha tão disciplinado e tão unido todo o seu regimento, quem com enthusiasmo o acompanhou na hora extrema do maior sacrificio que um homem pode fazer pela sua querida patria, que é o sacrificio da sua vida.

Hoje não tenho inveja alguma; hoje, deante d'esta manifestação, deante das palavras tão sinceras, tão fundamente nascidas do coração dos meus officiaes e sargentos, hojé tenho a absoluta certeza que todo o regimento me acompanhará, com honra e valor para defendermos a Patria e a Republica, dando-lhe as nossas vidas, se ellas forem necessarias para o bem e felicidade do nosso querido Portugal. Viva infantaria 24! Viva a Patria! Viva a Republica!

Novas manifestações produz o alevantado discurso do distinctissimo official, em seguida ao que é encerrada a sessão no meio de vivas ao coronel Sarsfield, á Patria e á Republica erguidos pelo sr. governador civil e correspondidos, com alma, pelos que tomam parte n'ella. A banda executa outra vez a *Portugueza* e é assim que tremina a justissima consagração do commandante Sarsfield, da iniciativa dos sargentos, mas a que se associou todo o regimento com a mesma sinceridade que leva hoje, tambem, *O Democrata* a prestar a tão valoroso cidadão, como destemido militar, a homenagem a que lhe dão direito os seus meritos, as suas virtudes, os serviços que, á Patria, tem prestado, emfim.

O Lyceu

Após reiteradas instancias do sr. governador civil junto do governo para que fosse elevado a central o lyceu d'esta cidade, que tem uma frequencia superior á dos dois ultimos, que recentemente obtiveram esta cathegoria, accedeu o respectivo ministro ao empenho manifestado com a condição, porém, de a camara municipal responsabilisar-se pelo augmento de despeza que tal elevação trará. Essa despeza orça, ao que parece, por cerca de cinco contos de réis annuaes.

Esta importancia, que é incontestavelmente insignificante defrontada com os indiscutiveis beneficios que adviriam á cidade, sob todos os pontos de vista materiaes e economicos, apresenta-se como barreira insuperavel, porque, a camara não pode tomar tal compromisso, por absoluta carencia do indispensavel para cumpril-o: dinheiro!

De longa data, dentro do condemnado regimen monarchico, a camara municipal d'esta cidade, como todas as outras por esse paiz, fôra sempre um feudo que os bandos regenerador e progressista, e ultimamente o franquista com o appoio do segundo, tomavam d'assalto conforme as suas combinações e conveniencias, para satisfação dos seus interesses pessoaes e particulares, como diversos actos e factos praticados e dados amiudadas vezes o confirmaram e que ainda hoje ahi estão a corroborar quanto dizemos.

Porém, a penultima administração municipal monarchica, presidida por Jayme Duarte Silva, foi de tal ordem escandalosa e criminosamente dissipadora e prodiga, que excedeu a importancia total da somma de todos os erros e disperdicios das administrações transactas. Deixou talvez para sempre, se não forem adoptadas medidas extremas, compromettido o cofre municipal, inhibindo-o por completo de qualquer acto ou resolução que implique a mais pequena verba, a mais insignificante despeza de momento, áparte, é claro, a impossibilidade de saldar compromissos contrahidos durante essa nefasta administração e que ainda hoje em aberto, com gravissimo prejuizo dos interessados, ahi estão a attestar, o desbarato e a orgia d'essa administração, reflexo fiel do caracter e indole do seu administrador!

E' desde essa data que se aggravou em extremo a administração municipal. D'essas difficuldades constantes, com tão grandes e variados prejuizos para tanta gente, se estabeleceu profunda animosidade e tal corrente de protesto contra essa administração, aggravada com a polemica insultuosa mantida com o fim unico de baralhar cada vez mais a escura gerencia d'então, que implantado o actual regimen e com o applauso geral, apparece nomeada uma syndicancia aos actos da vereação presidida por Jayme Duarte Silva.

Terminou os seus trabalhos essa commissão vae para dois mezes, se os não excéde, tendo sido já entregue á auctoridade superior do districto o relatorio respectivo. Aqui o referimos em tempo.

Corre que esse documento apresenta factos verdadeiramente extraordinarios acabando por confirmar a existencia d'um *deficit* approximadamente de 8:500$000 réis, que não podemos indicar com precisão por falta do indispensavel conhecimento, mas que sabemos sem duvida, ou para mais ou para menos, tal *deficit* existir, o que nos attesta a situação do thesouro camarario, nas dificuldades insuperaveis de todos os dias, que ninguem infelizmente desconhece! O que, porém, se torna incontestavel é que desde esse momento a camara municipal ficou absolutamente impossibilitada de tentar a mais pequena cousa em proveito d'esta terra, tão digna de melhor sorte, e, evidentemente, muito menos de tomar com a devida seriedade o encargo que lhe advém, e é antecipadamente exigido, pela elevação do nosso lyceu a central.

Mas pode e deve a cidade em presença da situação cruzar os braços e perder o ensejo de conseguir tão grande e tão importante melhoramento, já em principio concedido e que representa uma das nossas maiores e mais justas aspirações?

Os commentarios individuaes e particularmente feitos, as lamentações, as anathemas sobre o responsavel de toda esta situação, que passeia impunemente ainda essas ruas, não sabemos porque, não modificam nem alteram o que é indispensavelmente necessario resolver.

Ao sr. governador civil, tão prompto e tão prodigo em sollicitude por tudo que represente um beneficio para esta terra, ao sr. presidente da camara, aos deputados eleitos, á imprensa e ás associações locaes sempre patrioticamente impulsivas e iniciadoras em prol de qualquer ideia proveitosa, a todos os cidadãos emfim que alguma parcella d'affecto e interesse mostram por esta cidade, chamamos a sua attenção para que do esforço commum se consiga o que n'este momento temos em principio obtido, mas que certamente perderemos, se falhar a iniciativa, a boa vontade, o decidido empenho em conquistal-a acentuada, definitivamente.

O contrario será um crime.

D'essa responsabilidade não queremos partilhar, por principio nenhum.

Por isso aqui deixamos consignado bem nitidamente, quanto sobre tão momentoso assumpto pensamos e quanto no nosso espirito vae em decisão, a favor de causa tão importante e de tão alto proveito para esta terra, por quem temos o maior affecto, o mais vivo interesse.

Não percamos um momento, concorrendo todos com o seu appoio moral, mais que não seja, para a conquista definitiva d'esse melhoramento tão importante e inadiavel: a elevação a central do lyceu de Aveiro.

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 8 de Junho de 1911.

Presidencia do cidadão dr. Carlos Alberto da Cunha Coelho. Compareceram os vogaes Pompilio Ratolla, Vicente Rodrigues da Cruz, Manuel Augusto da Silva, Sebastião Pereira de Figueiredo e Manuel Teixeira Ramalho.

Acta approvada, em seguida ao que a camara deferiu as petições de José Maria Barbosa e Joaquim Ferreira Martins, ambos de esta cidade, para construcções; e de Rita de Jesus, de Esgueira; Maria Marques, da Quintã do Loureiro; e Olympia da Gloria Freitas Cunha, para attestados de pobreza.

A camara tomou depois as seguintes resoluções:

Acceder ao convite da camara municipal de Alter do Chão para se fazer representar no acto solemne da abertura das côrtes por um ou mais membros da vereação e por quaesquer individuos que se lhes queiram agregar;

Enviar por telegramma ao ex.mo presidente do governo provisorio, a saudação da camara e da cidade pelas melhoras do illustre ministro da justiça;

Desistir do seu pedido de elevação do lyceu d'esta cidade a central em face da exigencia da somma necessaria para a sua subsistencia com tal cathegoria, e que attinge a cifra de alguns contos de réis além das difficuldades da creação de um internato;

Fazer a eleição para o cargo de vice-presidente do municipio, que recahiu no vogal Vicente Rodrigues da Cruz, visto ter abandonado aquelle cargo e sahido do quadro da vereação, o cidadão Jayme Ignacio dos Santos;

Chamar um vogal substituto para a effectividade e conferir-lhe os pelouros que aquelle vereador tinha a seu cargo, com excepção do das obras, com que ficou a presidencia.

A camara tomou por fim conhecimento dos saldos em poder do seu thesoureiro, e que são das quantias de 489$201 e 102$811 réis, respectivamente pertencentes ao municipio e ao *Asylo Escola*.

Coisas & tal

Afinal...

Diz o *Campeão* que não ha razão de queixa contra o *Democrata*, relativamente á cedencia dos conventos á camara se bem que queira vêr nas nossas palavras do ultimo numero contradicções que por fórma alguma se poderiam dar. Mas nós percebemos: o *Campeão* quiz sahir *airosamente* e d'ahi o trocadilho que arranjou para fazer vingar a *alta influencia* do sr. Barbosa de Magalhães, lá em cima, nos ministerios. O que lamentamos, por escusado, é que o *Campeão* viesse fallar no *prestigio* e *influencia* d'esta folha, quando todos sabem serem esses attributos exclusivo seu e da familia desde os tempos imorredouros da monarchia. Tem, portanto, direitos adquiridos, que o novo regimen lhe saberá respeitar attendendo ao *enthusiasmo* e *sinceridade* com que o abraçou logo depois do 5 d'outubro...

E' que *a Republica fez-se para todos*, inclusivamente para os que eram considerados nossos adversarios, no numero dos quaes entra o *Campeão*.

Assim com'assim...

Cantigas...

Alguem lembrou-se de nos mandar um livrinho contendo os versos que, durante o mez de Maio, o *Rancho de St.º Antonio* exibiu sob a regencia do serafico padre Pedro.

A parte que transcrevemos era destinada ao sexo fragil e diz assim:

Queremos Deus,—homens ingratos!—
—Ao Pae Supremo, ao Redemptor.
Zombam da Fé os insensatos;
Erguem-se, em vão, contra o Senhor.

....

Queremos Deus! Por bom exemplo,
Hemos da Igreja as leis guardar,
E nos ministros do seu templo
Caracter santo respeitar.

....

Queremos Deus! Não contradigam
A lei divina as nossas leis:
Todos adorem todos sigam,
A Jesus Christo, Rei dos Reis.

....

Queremos Deus! E promptas vamos
Sua lei santa defender;
Sempre servil-o aqui juramos.
Queremos Deus até morrer!

Ora se isto não dá mesmo vontade de perguntar: oh, meninas! e não querem mais nada?...

Alto lá!

Alguns jornaes d'esta cidade teem salientado um facto, que nos cumpre rectificar, e que diz respeito á suppressão d'uns 4 ou 5 jornaes, em Ovar, ordenada pelo sr. governador civil, quando o que mais se aproxima da verdade é que s. ex.ª só supprimiu um, visto todos os outros serem authenticos rebentos do primeiro.

N'estas condicções facilmente se comprehende que nem os proprios interessados teem razão de queixa, quanto mais os *collegas*...

Pudor de mulher

Noticiaram jornaes que um joven de Bucarest assassinou a tiros de rewolver a sua noiva, porque ella ousára mostrar-se de saia-calção na rua.

Desde que ella teve tão pouco pudor que appareceu ao publico com semelhante trage, exclamou o joven após o crime, *eu já não podia despozal-a; mas não podia tambem deixal-a a outro.*

Egoismo no caso. Se não era bem melhor passar-lhe as palhetas deixando que o ridiculo lhe cahisse em cima, como por cá succede ás que usam ancas d'almofada, peitos postiços e chouriços no cabello...

Ainda se o exemplo lhes servisse de emenda...

A todos os nossos assignantes rogamos o favor de nos avisarem sempre que mudem de residencia e bem assim de fazerem acompanhar todas as suas reclamações do n.º da cinta do jornal.

A LEI DA SEPARAÇÃO

(Livre concorrencia)

De privilegio actum et regimen libertacis constitutum est.—Foi-se o privilegio e estabeleceu-se o regimen de liberdade.

Não temos bem a certeza, mas foi pouco mais ou menos, por aquellas palavras em latim, que se exprimiu o grande Luthero, o frade infinitamente tezo, o impavido revolucionario que, depois de rebater victoriosamente todos os assaltos dogmaticos dos catholicos, com uma arguicia admiravel, deixou escripto a respeito do papado—*vivus tua pestis, mortuus tua mor-sero*, sentença de morte que, em portuguez, contem o seguinte: *em vida sou a tua peste, depois de morto serei a tua morte.* Não se realisou ainda a prophecia do insigne dominicano, mas é uma questão de tempo. No entanto, elle foi no seculo XVI o porta-voz de milhões de consciencias que se revoltaram contra o despotismo e a corrupção da egreja catholica, proclamando o livre exame como um meio de critica aos seus ensinamentos, e que, de longe, veio preparando e creando nas consciencias aquella atmosphera de liberdade politica que a revolução franceza concretisou em factos e instituições. Não será a sua obra, porém, que lhe vibre o derradeiro golpe de misericordia, mas sim o progresso e a civilisação.

A vida moderna é o conjuncto formidavel de milhões de cerebros pensando, e de vontades agindo em todas as artes, nas variadas industrias, em todos os ramos das sciencias, das mais puras, como as mathematicas, ás mais complexas, como a sociologia.

E tudo e todos a marchar para a frente, parecendo ás vezes haver um momentaneo estacionamento, mas que mais não é do que um compasso de espera, com o fim de recuperar energia para um mais rapido avanço.

E em meio d'este *fervet opus*, d'este *fit via vi*, d'este universal certame em que todos labutam e querem progredir, só uma instituição quedou, paralysou, como um orgão sem funcção, em meio do alegre e variado revolver da vida moderna—é a egreja. Em volta d'ella respira-se já esse ar bafiento das cousas mortas, archivadas e cobertas de pó nas estantes dos grandes muzeus. Faz-se em volta d'ella um enorme silencio, silencio de morte, porque a sua intransigencia e obstrucionismo ao progresso, inutilisou-a para uma facil adaptação ao espirito da civilisação moderna que o reaccionario Pio IX, formalmente anathemalisou no *syllabus*. E o que tem concorrido em grande parte paraesse estacionamento e atraso? Exactamente o mesmo que modernamente tem atrophiado e paralysado o desenvolvimento de muitas industrias, o monopolio, o regimen do privilegio.

Todas as variadas confissões religiosas tem a vaidade, a louca pretenção de se julgarem na posse da verdadeira doutrina; são exclusivistas. D'esta intransigencia sectaria do crente que, para ser bruto, precisa primeiro de ser ignorante e obediente, flue logicamente a guerra ao proselyto das seitas que lhe são adversas.

A crença começa a soffrer o embate de mil e variados interesses postos em jogo, enreda-se n'elles, e já não é possivel um ataque, uma reforma, sem a opposição, o protesto hostil dos esploradores da mesma religião. Já não ha apostolos com o desinteresse dos sinceros ideologos, mas surgem as oligarchias, os corrilhos defendendo, primeiro que tudo, as inadiaveis exigencias do estomago e tudo isto, porque o monopolio da crença, a religião da maioria se estriba, não na razão de argumentos irrefutaveis, que os não tem, mas na força material de que dispõe os seus interesseiros paladinos.

Esta affronta á consciencia dos cidadãos desappareceu com a lei de separação, desde que alli se estabeleceu que o estado não tem religião, e que todas as confissões são permittidas. A baixa da mercadoria deve sentir-se muito em breve, o que para nós nenhuma utilidade traz, porque ha muito não somos consumidor; todavia é consolador o ver degladiarem-se os propagandistas das diversas seitas, fazendo a apologia das suas mentiras, como os charlatães de feira apregoando a efficacia d'algum especifico contra os dentes. E' esta a vantagem da livre concorrencia estabelecida na lei de separação.

E.

Excursões

Activam-se, no Porto, os preparativos para a vinda a esta cidade, no proximo dia 2 de julho, da excursão promovida pelos empregados do commercio, que aqui será recebida com differentes manifestações de regosijo da iniciativa d'algumas collectividades locaes, cujo amor á terra e maneiras de receber os seus visitantes são já bem conhecidos para que duvidemos do brilho e enthusiasmo com que hão-de ser aguardados os sympathicos excursionistas.

Entre os varios numeros do programma, que está sendo elaborado, avulta, segundo nos consta, um passeio fluvial até á ponte da Gafanha, em barcos saleiros devidamente ornamentados e um concerto musical pela tuna da *União*, no Theatro Aveirense, do qual reverterá o producto liquido a favor da Misericordia d'Aveiro.

O numero de excursionistas dizem-nos ser avultadissimo, pois foram convidadas todas as associações recreativas de empregados do commercio do Porto a adherirem a esta excursão, o que muitas fizeram.

* * *

Em comboio especial, que da estação deve partir ás 6 e meia horas da manhã de domingo, 18, segue para Coimbra uma excursão escolar infantil acompanhada da fanfarra do Asylo Escola Districtal, dos professores e familias dos alumnos que á terra dos amores da linda Ignez de Castro vão passar o dia e ao mesmo tempo vêr os seus preciosos monumentos cuja sumptuosidade e belleza fazem attrahir áquella cidade forasteiros de toda a parte do paiz a estrangeiro.

Por noticias recebidas, sabemos estar assente, entre os professores de Coimbra, o virem receber os seus collegas do circulo d'Aveiro, bem como os restantes excursionistas, á *gare*, afim de, encorporados em cortejo, irem cumprimentar o Inspector da Circumscripção á sua secretaria, antes do almoço, que se effectuará na aprazivel e lendaria Quinta da Santa Cruz.

Lavra grande enthusiasmo, como se póde calcular, por esta excursão, não fallando os petizes n'outra coisa, em casa, certamente com o intuito de arrastarem com elles o pae, a mãe, e até os avós, o que é um flagello para quem tem de puchar pelos cordões á bolsa.

Mas emfim, faça-se a vontade aos rapazes para elles estudarem e terem gosto de aprender.

No Centro Republicano

Realisou-se na segunda-feira, á noite, a annunciada reunião da assembleia geral do *Centro Escolar Republicano d'Aveiro*, a que presidiu o sr. dr. Marques da Costa, secretariado por Alberto Souto e tenente Brandão.

Antes da ordem usou da palavra o nosso amigo e ex-collega de redacção, Alberto Souto, que aproveitando o ensejo de encontrar reunidos grande numero de correligionarios, eleitores do circulo de Aveiro, que ia ter a honra de representar nas Constituintes, como deputado, d'elles se despede, lendo o seguinte discurso:

Na previsão de não poder assistir á reunião de hoje, venho por este meio despedir me dos meus correlligionarios de Aveiro e agradecer não só ás commissões do partido mas a todos aquelles que se interessaram pela minha candidatura ou me deram os seus suffragios, essas e tantas outras provas de consideração até hoje por mim recebidas. Eleito deputado por esta cidade e circulo ás Constituintes da nossa Republica, nem por isso me julgo superior aos meus merecimentos nem me sinto insuflado de vaidades. Sou o que sou, continuo a ser o que tenho sido. Pessoalmente não augmentou a minha valia; simplesmente porque me acho revestido do mais alto e nobre cargo da Republica, qual é o de representar o Povo na Assembleia Constituinte, por esse cargo e não pela minha pessoa; pelo Povo que me elegeu e não por mim o eleito; pela Patria em cujo cenaculo entrei e não pelo meu nome que nunca subirá acima da humildade honrada com que se orgulha, jámais deixarei que sejam postergados, offendidos ou desprezados os direitos do Povo que represento e da terra que me elegeu.

Não podendo receber quer no acto da eleição quer posteriormente qualquer mandato imperativo, eu peço comtudo aos meus eleitores me auxiliem no desempenho do meu cargo com a sua bôa vontade, cooperação e apoio. Por isso serme ha sempre grato receber dos meus eleitores, firmado com o seu nome, qualquer esclarecimento, alvitre ou modo de vêr, sobre a marcha dos negocios publicos ou sobre qualquer assumpto pendente do Parlamento.

Espero antes de terminar a sessão legislativa, se algumas ferias parlamentares m'o permittirem, apresentar me em algumas conferencias publicas, esclarecendo a acção parlamentar e a acção republicana.

Peço a todos os republicanos de Aveiro, em especial aos antigos companheiros de lucta e a todos os nossos compatriotas, muito principalmente ás commissões locaes e ao nossso Centro Escolor, se interessem agora mais do que nunca, pelos melhoramentos, pelo progresso e desenvolvimento da cidade, do concelho e do districto.

Não será neste Parlamento onde acima de tudo se terão de versar assumptos juridicos, principios e aplicações de direito politico e todos os complicados assumptos sequentes a uma transformação de fórma de governo, que se poderão tratar com disvello e cuidado as obras de fomento de que Aveiro e a nossa região carecem.

No entanto, por mim, como deputado e como humilde mas dedicado e apaixonado filho de Aveiro, estarei sempre prompto a advogar os nossos direitos e a defender os nossos interesses.

Chamo a especial attenção dos meus correligionarios, das commissões e do Centro para que juntamente com a camara municipal velem pela prompta e bôa aplicação dos edificios dos conventos; para que se não descure a vinda dum novo regimento para esta cidade, a elevação do lyceu a Central, a diffusão de escolas, o melhoramento das relações ferro-viarias. Aveiro precisa de progredir e para isso dar signaes de vida e actividade. Não é deixando se enervar tudo pela intriga, pela inveja, pela ironia que tanto vegetam em Aveiro, aniquilando todas as bôas iniciativas, derrubando todo aquelle que revela aptidões, demorando tudo o que de bom se poderia fazer aqui, que Aveiro ha-de desenvolver se, enriquecer se e embellezar-se.

E' pelo contrario, unindo se todos, cortando todas as más linguas que tão desgraçada fama nos teem creado, trabalhando todos, solidariamente, pelo bem da nossa terra.

Agueda, por exemplo, desenvolveu se sob a monarchia, está se desenvolvendo material e civicamente mais ainda sob a Republica.

Ovar, Espinho, tantas outras terras conseguem tudo o que desejam.

Honra lhes seja! só Aveiro nada consegue. Filho de Aveiro que tenha uma pretenção vulgar, é ludibriado eternamente por todos, se tem a justiça, a razão e o direito por si, faz se lhe a injustiça, calca-se-lhe a razão, rouba se o direito.

Porquê? porque entre nós não está cultivado esse grande sentimento de solidariedade, que é a grande força, a maior das consolações para os vencidos e a maior das alavancas sociaes dos modernos tempos.

Com a Republica alguns cor-

ULTIMA HORA

Os boatos da conspiração

Desde que o governo se resolveu a mandar para a fronteira, especialmente para o norte, algumas tropas devidamente municiadas, com o fim de obstarem a provaveis investidas da malandragem assalariada por Paiva Couceiro, padre Cabral e outros traidores á Patria, que tendo dado a sua palavra d'honra de que não iriam para o estrageiro conspirar contra a Republica, por lá fazem inteiramente o contrario pretendendo assim crear difficuldades á bôa marcha do governo provisorio, os boatos terroristas teem diminuido muito podendo-se até dizer que quasi desappareceram.

A ida tambem para o norte do paiz do sr. ministro do Interior e d'uma missão de propaganda democratica composta de officiaes e capellães do exercito concorreu egualmente para a dissipação de taes boatos, garantido o governo ter a paz assegurada em toda a parte.

Estão presos alguns conspiradores com quem a Republica ajustará contas.

UM COMICIO

Com bastante concorrencia, apezar da exiguidade de convites, realisou-se hontem de tarde, no Theatro Aveirense, um comicio em que se tratou exclusivamente dos interesses d'Aveiro, feito em harmonia com uma proposta apresentada na ultima reunião do Centro Republicano a que n'outro logar nos referimos.

Presidiu o illustre governador civil, secretariado pelos srs. capitão Viegas e dr. Mello Freitas, usando da palavra, além d'estes cidadãos, os srs. Mario Duarte, dr. Carlos Coelho, João dos Santos Silva, José de Pinho e Jeremias Lebre que não só elucidaram a assembleia do que era necessario fazer desde já com respeito á vinda de mais unidades militares para esta cidade e da elevação do lyceu a central, como ainda apresentaram diversos alvitres de melhoramentos de primeira necessidade, todos viaveis, faltando apenas que haja boa vontade e quem auxilie a camara para que sejam postos em pratica.

Todos os oradores foram muito applaudidos, mas com especialidade o sr. dr. Rodrigo Rodrigues que mais uma vez demonstrou a sua affeição por esta terra á qual está prompto a prestar todos os beneficios que estejam ao seu alcance.

Por fim foi nomeada uma commissão composta dos srs. Mello Freitas, Jacintho Rebocho, Mario Duarte, capitão Viegas e Francisco Regalla para auxiliar a camara nos varios trabalhos a que tem de proceder immediatamente relativos aos assumptos discutidos, terminando a reunião depois de terem sido aprovadas as seguintes moções e telegramma ao sr. ministro da guerra:

MOÇÃO

Os habitantes da cidade de Aveiro, reunidos em comicio, convidam a Commissão Municipal Administrativa a estudar, d'accordo com os municipios proximos e interessados, a forma de dar viabilidade á elevação do lyceu nacional a central.

MOÇÃO

Os habitantes da cidade d'Aveiro, reunidos em comicio publico, convidam a Commissão Municipal Administrativa a tratar do aquartelamento de infanteria n.º 24 o mais rapidamente possivel.

Telegramma ao sr. ministro da guerra

O povo aveirense, reunido em comicio publico, agradece a V. Ex.ª a collocação integral dos regimentos de infanteria 24 e cavallaria 8 n'esta cidade e communica a V. Ex.ª haver edificios proprios para o seu aquartelamento. Mais pede a V. Ex.ª que o regimento de infanteria 28 seja collocado n'este districto afim de que fique em Aveiro o 1.º batalhão do 24.

O PADRE SALOMÃO

Foi hontem á noite removido para a cadeia, onde ficará ás ordens do governo, o padre Salomão Pinto Vieira, auctor de varias proezas e inventor das *filhas de Maria* e outras associações identicas.

E' que a hora da justiça parece ter soado...

Dr. Sidonio Paes

Vem ámanhã a Aveiro agradecer ao eleitorado a sua eleição, o sr. dr. Sidonio Paes que no theatro se apresentará, em reunião publica, pelas 8 horas da tarde.

religionarios, amigos, conterraneos nossos teem sido preteridos, esquecidos, desprezados revoltantemente em assumptos e modestas pretensões da maior justiça. E' preciso pugnarmos por elles, é preciso pugnarmos por tudo quanto fôr de bom e justo da nossa terra.

Em instrucção Aveiro está ficando atraz de todos os concelhos do districto. Bem eu sei que o municipio não póde, mas por isso mesmo precisamos de enriquecer a terra, chamar aqui concorrencia de forasteiros, descobrir novas fontes de receita, augmentar a riqueza local. De mais, por muito que isso nos peze, no districto existe um fermento, uma tendencia inevitavel de desagregação. Olhemos as coisas pelo lado positivo e pratico e cuidemos emquanto é tempo de nos precavermos e ligar os interesses de todos os concelhos do districto com os do nosso concelho.

Já neste Centro o affirmei uma vez; não é só por um artificio administrativo que de um para outro instante póde desapparecer ou modificar-se, que uma terra progride.

Aveiro tendo nos seus arredores magnificos campos, precisa de uma escola agricola pratica. Uma estação aquicola para o repovoamento da ria. Uma escola industrial. A industria da creação do gado definha e nem os nossos lavradores poderão talvez voltar á antiga situação, por não poderem competir com o gado estrangeiro e mesmo com o nacional de outras proveniencias, por falta de prados de pastagem.

A estação escola agricola poderia desenvolver um certo numero de industrias caseiras que melhorassem a economia regional, como a avicultura que tantos milhares de libras dá á America, que é a grande riqueza de regiões como as de Houdan, em França, a sericultura pois para a amoreira temos terrenos e orlas de estradas magnificas.

O nosso lavrador adopta já com enthusiasmo o adubo chimico e comtudo não tira d'elle todo o proveito por que está muito longe de o saber utilisar conveniente e economicamente.

A vinda de outro regimento para Aveiro, traria immediatamente a necessidade de novas construcções. Precisamos de aproveitar immediatamente esta disposição da reorganisação do exercito. Se a Camara, embora com sacrificio ceder o edificio dos asylos para quartel, dentro em breve hão de fazer-se muitas construcções nas ruas abertas e projectadas em Santo Antonio, que se Aveiro se desenvolver poderá ser em breve o mais lindo bairro da cidade.

Precisamos de resolver este assumpto, tanto mais que as classes de construcção civil, estão atravessando uma séria crise de trabalho.

Outro assumpto desejava lembrar, na minha despedida, era a realisação de uma festa civica e artistica em cada estação do anno ou pelo menos em duas estações ou epochas. Nenhuma terra mais se presta a festas que Aveiro. Mas precisamos de fazer festas para os outros tambem, para aqui chamar estranhos e compensarmo-nos do dinheiro que levamos para as festas das terras alheias. Com o concurso de todas as associações da cidade, das entidades officiaes, commercio, militares, etc., sem a menor sombra de exclusivismo ou partidarismo, poderiamos realisar neste anno já uma grande festa do Outono, onde ao lado das manifestações de puro goso, de imaginação e arte, houvesse tambem um dia consagrado á Patria e a commemorações civicas.

Nos meiados de outubro costuma haver em Aveiro, quando não chove, uma quadra de dias encantadores, de sol doirado, suave, sem as ventanias desabridas de agosto, sem os frios humidos e arrepiantes do Natal, sem os calores ardentes e poeirentos de julho. Poderia fazer-se então uma esplendida festa, uma adoração educadora, sadia e bella da Natureza, dando azo a revellarem se as aptidões artisticas locaes, uma festa escolar, chamando as creanças no principio do anno lectivo á communhão e iniciação da vida moderna, uma festa civica, celebrando os faustos da Patria e da terra, homenageando os nossos mortos illustres, festejando o rejuvenescimento da Patria pela Republica.

Alarguei-me, levado pelo meu enthusiastico amor a esta terra, em considerações que mais cabem a uma conferencia que a uma despedida.

Termino, porém, abraçando os meus correligionarios, abraçando a cidade de Aveiro, num abraço estreito de irmão, de amigo e de filho.

E' grande de mais para mim, talvez, a missão de que estou incumbido. Procurarei servir com honradez e patriotismo. Farei sempre que preciso seja ao desempenho do meu mandato, aquillo que seis deputados da Republica fizeram embargando o passo, numa barricada de Paris, aos soldados de Napoleão III, quando do golpe de estado de 2 de novembro.

Subindo á barricada mostraram ás espingardas o peito onde apertavam as suas fachas — soldados parai! nós sômos o povo, nós sômos os representantes da nação, nós sômos o direito!

Um segundo mais e por cima delles passavam em tropel as forças do uzurpador.

Vencidos, fôram heroes. Não pereceu o direito sem o seu protesto e sem o seu sacrificio. E o direito calcado então, vingou-se, depois desse relampago do 2.º imperio, fazendo a derrota de Sedan, a queda de 70, a terceira Republica que é hoje ainda e será sempre a Republica Franceza.

Alberto Souto, que por vezes teve de interromper a leitura da sua despedida devido aos applausos da assembleia, foi, no final, muito ovacionado, erguendo-se por essa occasião bastantes vivas á Patria, ao exercito e á Republica, freneticamente correspondidos.

Depois passou-se a tratar dos assumptos para que fôra convocada a assembleia, tanto d'ordem interna do Centro como de interesse geral, ficando, após larga discussão em que entravam os srs. capitão Viegas, José Antonio Cidraes, Alberto Souto, Mario Duarte e A. Ribeiro, resolvido que a direcção do Centro, agregando a si todos os individuos e collectividades que ache convenientes, promova desde já algumas reuniões no sentido de interessar a cidade e seu concelho nos melhoramentos a que tem direito e em que tanto se está empenhando tambem o sr. governador civil, dr. Rodrigo Rodrigues.

A sessão, que foi bastante prolongada, acabou varava já das 11 horas um bom pedaço.

CAÇADORES 5

Em direcção a Braga passou na terça-feira na estação do caminho de ferro d'esta cidade, o regimento de caçadores 5, que ali foi alvo por parte dos seus camaradas do 24 de infanteria e do povo aveirense, d'uma imponente manifestação d'apreço e sympathia em que se salientaram tambem as respectivas bandas, tocando a *Portugueza*, cujos acordes se casavam no espaço com os vivas á Patria, á Republica, ao governo, ao exercito, a caçadores 5, á marinha e de abaixo os traidores e reaccionarios que, constantemente, eram soltados pela multidão, fremente de enthusiasmo, emquanto o comboio esteve parado, e mais intensos ainda depois de se pôr em marcha de novo, entre as estrepitosas salvas de palmas, que, após as tres badaladas de partida, se fizeram ouvir d'um extremo ao outro da *gare*.

A's acclamações dos aveirenses responderam os bravos militares de caçadores com outras ao regimento de infanteria 24, aos revolucionarios d'Aveiro, á Patria e á Republica, n'um crescente de enthusiasmo arrebatador, empolgante, unico.

Da porta da carruagem em que viajavam os officiaes, falla o tenente coronel Simas Machado, commandante do batalhão, que agradece aos camaradas d'armas e em geral a todos quantos ali se acham presentes a inesperada acolhida com que foi coroada a sua passagem, soltando no final do seu patriotico improviso, um viva á Patria e outro á Republica, que são calorosamente correspondidos, attingindo n'esse momento notaveis proporções a manifestação feita aos viajantes, cuja abalada se faz no meio dos clamores da *Portugueza* e dos brados fermentes do povo e do exercito aos heroes da Revolução, aos defensores da Patria, ao regimen, emfim, que substituiu a monarchia dos roubos, dos latrocinios e da bandalheira, em que tanto se salientou.

Terminada a manifestação da *gare*, uma outra se improvisa ao governo provisorio para o que toda a gente que a enchia e ainda muita mais, que pelo tragecto se lhe juntou, encaminha seus passos para a residencia do nobre governador civil, ao fim da rua Direita, musica á frente, atravessando a cidade a cantar a *Portugueza*, emquanto das janellas muitas senhoras se associavam dando palmas, erguendo saudações o que faz redobrar em alguns pontos o enthusiasmo dos manifestantes que não cessam de acclamar a Republica, o dr. Affonso Costa, a Patria e o governo.

Em frente á residencia do sr. dr. Rodrigo Rodrigues a multidão é compacta, não se podendo descrever o bello aspecto que se notava e as delirantes ovações de que s. ex.ª foi alvo por largo espaço de tempo, mórmente depois de ter usado da palavra o sr. coronel Sarsfield que, da rua, e n'um dos mais felizes improvisos que lhe temos ouvido, affirmou ao illustre representante do governo estar integrado com a Republica e por ella verter até á ultima gotta do seu sangue, se tanto fôr preciso, para a defender e a integridade da Patria.

Da varanda da sua habitação responde o chefe do districto, que agradece em nome do governo ao exercito e ao povo aveirense a bella prova de solidariedade com que o distinguiram, ataca, com vehemencia, os que lá fóra andam a conspirar contra as instituições e exorta os que o escutam a cumprirem o seu dever collocando-se ao lado da Republica que o mesmo é collocarem-se ao lado da Patria. Termina levantando vivas ao regimento de infanteria 24, á Patria e á Republica, que são delirantemente correspondidos.

Rua abaixo, segue de novo a banda regimental, tocando a *Portugueza*, acompanhada, em côro, pelos populares e militares, até ao quartel de Sá, onde se trocam ainda mutuas saudações entre paisanos e soldados, depois do que a patriotica manifestação se dissolve deixando a maior impressão na cidade por ser das mais grandiosas e sentidas que do 5 de Outubro para cá, se teem feito.

Decedidamente a Republica vae-se consolidando.

Necrologia

Falleceram os srs. Manuel Luiz Bernardes, conhecido armador; Carlos Pinto Rosa, irmão do nosso amigo e honrado commerciante da praça d'Aveiro, sr. Alberto Rosa e D. Maria do Carmo Street Rangel de Quadros Côrte Real, dedicada esposa do sr. José Reynaldo Rangel de Quadros, apreciavel poeta, residente n'esta cidade.

Aos doridos enviamos o nosso cartão de pezames.

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 15

Partiu para Lisboa afim de tomar logar no parlamento como deputado, por Oliveira d'Azemeis, ás Constituintes, o nosso excellente amigo e correligionario, dr. Marques da Costa que com muita actividade e intelligencia occupou o cargo de presidente da Commissão Municipal Republicana d'este concelho.

Estamos por certos que hade desempenhar, com honra e criterio, o mandato que lhe foi conferido.

—— Acha-se em Sarrazolla d'esde o principio do mez, o sr. Manuel da Silva Moura.

—— Tem dado logar a commentarios diversos o sermão que aqui veio prégar á festa do Espirito Santo, o reverendó Fernandes, d'Aveiro, occupando-se d'elle, n'estes termos, o jornal *O Mundo*, do dia 12 do corrente:

«No ultimo domingo realisou-se a festa annual do Espirito Santo. Prégou o padre Antonio Duarte Silva, advogado em Aveiro. Este eclesiastico, que continua affirmando o seu apêgo á causa da monarchia, apezar de lhe ter sido supprimido o jornal aonde vinha despejando toda a casta de diatribes contra as medidas adoptadas pelo governo provisorio, fez um discurso piegas: suppriu a falta de doutrina com canastradas de textos latinos. Todavia, quem lhe prestasse attenção devia ter visto transparecer nos seus sublinhados e reticencias alguma coisa mais que a simples exposição biblica. A manha do padre alliada á rabulice do foro.»

Realmente o padre não nos parece o mesmo que, juntamente com o illuste democrata, dr. Alfredo de Magalhães, veio um dia a Cacia fazer um comicio de propaganda republicana.

Está muito mudado...

—— Tambem n'esta freguezia chegou a interessar bastante o que ácerca da saude do sr. dr. Affonso Costa vinha publicado nos jornaes e se dizia em conversas particulares. Felizmente que S. Ex.ª se encontra livre de perigo com o que muito se congratulam os republicanos, seus admiradores, que se preparam para festejar com retumbancia o dia em que retomar o seu logar na politica do paiz.

A junta de parochia fez exarar na acta da sua ultima sessão um voto de satisfação pelas melhoras do grande estadista portuguez.

C.

ANNUNCIOS

Juizo de direito

DA COMARCA DE AVEIRO

2.ª publicação

Nos autos de acção de divorcio requerida por Maria Marques de Jesus, casada, jornaleira, de Mataduços, freguezia de Esgueira, contra seu marido José dos Santos Netto, conductor de carros, residente em parte incerta na Capital Federal da Republica dos Estados Unidos do Brazil, foi proferida sentença com data de 17 de maio ultimo, que transitou em julgado, auctorisando, com fundamento no artigo 4 numero 5.º do decreto de 3 de novembro de 1910 o divorcio d'aquelles Maria Marques de Jesus e marido José dos Santos Netto.

Aveiro, 7 de junho de 1911

Verifiquei:
O Juiz de Direito
Ferreira Dias

O escrivão do 3.º officio,
Albano Duarte Pinheiro e Silva